



Posição dos adjetivos nos gêneros *cartas* e *narrativas* em Português Europeu do século XVII ao XIX

Adjective position in letters and narratives in European Portuguese during the 17th-19th centuries

Cristina de Souza Prim

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná / Brasil

cristinaprim@utfpr.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-7199-313X>

Thais Luisa Deschamps Moreira

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná / Brasil

thais.deschamps@ufpr.br

<https://orcid.org/0000-0001-9066-9792>

Resumo: O trabalho analisa diacronicamente a sintaxe de adjetivos adnominais no português europeu dos séculos XVII e XIX. Para isso, utilizamos dados anotados sintaticamente e morfologicamente, presentes no *Corpus* Histórico do Português Europeu, do Projeto Tycho Brahe. Ao todo, foram analisadas cinco cartas e quatro narrativas escritas por autores nascidos entre o século XVII e XIX, o que resultou, após verificação manual dos dados, em 7.996 dados válidos. Nossa hipótese foi de que a mudança da posição preferencial de adjetivos avaliativos (da anteposição para a posposição) poderia ser observada primeiro em gêneros textuais mais próximos da oralidade e da informalidade, como a carta, e que tal mudança não ocorreria da mesma forma para sintagmas definidos e indefinidos. Os resultados confirmam a hipótese de que há, de fato, diferença no comportamento dos adjetivos quando olhamos para gêneros textuais distintos e para determinantes diferentes. Por fim, trazemos uma análise qualitativa de duas cartas, uma do século XVII e outra do XIX, a fim de avaliar a ocorrência de tipos de determinantes, tipos de adjetivos e tipos de nomes em conjunto. Os resultados mostram uma preferência pela anteposição dos adjetivos avaliativos em contextos de determinante definido e nomes contendo traço [+humano]

tanto no século XVII quanto no XIX, mas preferência pela posposição nos contextos de determinante indefinido e nome [+humano] para o mesmo recorte temporal. Ainda, vemos também um aumento no uso de adjetivos não avaliativos, que acaba por favorecer desproporcionalmente a posposição.

Palavras-chave: sintaxe dos adjetivos; diacronia; adjetivos avaliativos.

Abstract: This case-study analyzes the syntax of adnominal adjectives in 17th-19th century European Portuguese diachronically. We utilize syntactically and morphologically annotated data from the Tycho Brahe Project's Parsed *Corpus* of Historical Portuguese. A total of five letters and four narratives written by authors born between the 17th and 19th centuries were analyzed. They yielded 7,996 valid DPs after manual verification of the data. Our hypothesis was that the shift in the preferential position of evaluative adjectives (from anteposition to postposition) would be observed first in text genres closer to orality, such as letters, and that such shift has not taken place in the same way for definite and indefinite DPs. The results confirm that there is a difference in the behavior of adjectives when we look at different text genres and determiners. We also provide a qualitative analysis of two letters, one from the 17th century and another from the 19th century, in order to investigate the concomitant effect of determiner types, adjective types, and noun types. The results show a preference for the anteposition of evaluative adjectives with definite determiners and with names [+human], but a preference for postposition with indefinite determiners and names [+human], in both the 17th and 19th centuries. In addition, the use of non-evaluative adjectives increased from the 17th to the 19th century, disproportionately favoring postposition.

Keywords: syntax of adjectives; diachrony; evaluative adjectives.

Submetido em 23 de fevereiro de 2022

Aceito em 20 de abril de 2022

1 Introdução

Desde o fortalecimento da Linguística Histórica no Brasil na década de 1980, diversos aspectos da estrutura do português (em especial, brasileiro e europeu) têm sido objeto de análise sob uma perspectiva diacrônica. São relativamente numerosos os estudos sobre pronomes (e.g., mudanças no quadro pronominal, clíticos) e construções a nível frasal,

como, por exemplo, ordem dos elementos da frase, orações relativas e interrogativas (como visto, por exemplo, em ROBERTS; KATO, 2018). Já o Sintagma Nominal (SN) foi, em comparação, alvo de menos pesquisas; e é a este que nos dedicamos neste trabalho.

Em relação a adjetivos adnominais ou atributivos (isto é, adjetivos que modificam o nome-núcleo internamente ao SN), a literatura diacrônica comumente assume que sua posição preferencial tenha se alterado ao longo dos séculos – da pré-nominal para a pós-nominal (COHEN, 1990; BOFF, 1991; SALES, 2006). A aferição de tal mudança depende, por um lado, da compreensão das variáveis que condicionam o posicionamento adjetival no sintagma nominal. Nesse sentido, a sintaxe dos adjetivos no português é tema de diversos trabalhos sincrônicos, que apontam uma série de diferenças no comportamento de adjetivos pré- e pós-nominais (BORGES NETO, 1991; DESCHAMPS, 2015; MENUZZI, 1992; MÜLLER; NEGRÃO; NUNES-PEMBERTON, 2002; PRIM, 2015; SUDRÉ, 2020).

A análise do desenvolvimento diacrônico desse comportamento, por outro lado, também pode nos fornecer evidências para a compreensão das motivações da ante- e da posposição. Alguns trabalhos se propuseram a examinar o percurso diacrônico do posicionamento adjetival (BOFF, 1991; COHEN, 1990; PRIM, 2018; SALES, 2006; SERRA, 2005). Além da relativa escassez bibliográfica sobre o tema, diferenças metodológicas e de foco de cada estudo, como mostraremos, também deixam algumas lacunas em nosso entendimento desse processo. Ainda que haja fortes indícios de que houve queda quantitativa na proporção de anteposição do adjetivo ao longo dos séculos, a motivação para essa mudança não é clara. Assim, neste artigo procuramos conciliar algumas das variáveis aventadas em estudos prévios, a fim de examinar qual a contribuição de cada uma para essa mudança (se ela de fato ocorreu) na posição preferencial de adjetivos adnominais, com foco inicial no português europeu.

Abaixo, trazemos dois exemplos de dados do século XVIII e XIX para ilustrar o fenômeno observado:

- (1)[...] sem que a natureza pudesse cousa alguma contra os bisonhos costumes das nossas Madres.
(A-004,22.236, texto do século XVIII)

- (2) [...] eu considero o seu estado permanente de irritação e de azedume como a doença pior que pode atacar o espírito e o carácter de um homem.

(O-001,78.356, texto do século XIX)

O trabalho está organizado da seguinte forma: na próxima seção, apresentamos a literatura já existente sobre o tema, indicando suas contribuições e as lacunas que apontam para exploração futura. Nas seções seguintes, detalhamos nossa metodologia de pesquisa e descrevemos os dados encontrados em estudo quanti e qualitativo. Por fim, fechamos com a análise proposta e indicamos tanto nossas conclusões quanto os limites de nosso estudo.

2 A literatura especializada

Como já mencionamos, a literatura sobre o tema é relativamente escassa e conta com diferentes metodologias. Apresentaremos nesta seção tais metodologias e os resultados encontrados de Cohen (1988), Boff (1991), Serra (2005), Martinez (2009), Prim (2018) e Deschamps (2019).

Cohen (1988) faz uma análise quantitativa de 2.100 DPs extraídos de textos portugueses escritos (gêneros diversificados) entre o século XIV e o século XX. A autora selecionou dois textos representativos de cada século e buscou 150 DPs por texto, contabilizando 300 DPs por século. O quadro abaixo sumariza parte de seus resultados.

Quadro 1 - Frequência de ocorrência de anteposição e posposição do adjetivo em relação ao nome em termos percentuais

		XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX
1o texto	Anteposição	63%	82%	31%	64%	72%	37%	23%
	Posposição	37%	18%	69%	36%	28%	63%	77%
2o texto	Anteposição	89%	82%	65%	78%	30%	31%	18%
	Posposição	11%	18%	35%	22%	70%	69%	82%

Fonte: COHEN (1988, p. 60).

Observando os dados acima, a autora aponta que a mudança no posicionamento dos adjetivos ocorreu no século XVIII, em que os

dados contraditórios dos textos 1 e 2 indicariam a mudança em curso. Interessantemente, a autora não considera que a mudança tenha ocorrido no século XVI, apesar de também ser possível observar dados do texto 1 e do texto 2 indo em direções contrárias. A razão para isso está nos dados do século XVII, que não reforçam o comportamento observado nos adjetivos do século XVI.

É preciso chamar a atenção para a quantidade de dados observados pela autora. Trata-se de uma limitação do trabalho, mas também da época em que o trabalho foi realizado. Hoje, contamos com ferramentas de busca automática de dados, o que nos permite observar um número muito maior de dados e chegar a conclusões mais precisas.

Ainda na década de 1990, Boff (1991), olhando para cartas oficiais e pessoais, diários, documentos e manifestos dos séculos XVII ao XX, todos escritos por autores falantes de português brasileiro, também conclui que houve uma mudança no percentual de adjetivos avaliativos¹, que teria se iniciado no século XVIII e se tornado mais evidente nos séculos XIX e XX. A hipótese da autora é que teria ocorrido uma perda no movimento opcional da posição pós-nominal para a pré-nominal dos adjetivos avaliativos. É preciso dizer que também neste caso o banco de dados utilizado pela autora é bastante restrito, formado por 446 dados no total (aproximadamente 50 por metade de século), e os textos investigados são de autores brasileiros, o que difere dos estudos de Cohen (1988).

Serra (2005), por sua vez, foca em aspectos semântico-discursivos e estilísticos para a compreensão da ordem dos adjetivos nos SNs do português europeu e brasileiro. A autora, analisando documentos notariais da primeira metade do século XVII, cartas de comércio do final do século XVIII, anúncios e cartas de redatores/editoriais dos séculos XIX e XX, conclui que

¹ Boff explica que adjetivos avaliativos são aqueles que podem ser subcategorizados por verbos de julgamento, como *julgar* ou *considerar*, por exemplo. Uma outra explicação possível é a de que adjetivos avaliativos, como *feio* e *bom*, são aqueles que podem ocorrer em ambiente de desacordo sem erro (DE CONTO, 2018). Por exemplo: se o falante A considera um certo ator bonito, mas o falante B o considera feio, não há contradição, tampouco resolução objetiva para o desacordo, já que se tratam apenas de pontos de vista distintos.

[...] levando em conta todos os corpora, do século XVII ao XX, a anteposição esteve sempre relacionada:

(1) aos adjetivos avaliativos, quer quando o núcleo é imaterial, quer quando é material,

(2) aos adjetivos de menor peso fônico com relação ao substantivo e

(3) aos adjetivos de base nominal [...]

(SERRA, 2005, p.107)

Segundo Serra, os adjetivos de base nominal (como o adjetivo público em *escrivão público*), ainda que sejam preferencialmente pós-nominais, ocorrem antepostos com mais frequência se comparados aos de base participial.

Outro aspecto que teria influência sobre o posicionamento de adjetivos é apresentado por Martínez (2009); apesar de ela não tratar do português, a direção metodológica observada pela autora é relevante para este trabalho. Martínez realizou sua pesquisa em nove textos em prosa em espanhol, correspondentes à segunda metade dos séculos XIII, XVI, XVII e XIX. De acordo com esses dados, a partir do século XVII fica evidente em espanhol a preferência pela posposição do adjetivo em relação ao nome. A autora aponta que a indeterminação do SN e a extensão do adjetivo (maior que o nome) favorecem a posposição deste - este último aspecto já corroborado para o português em Serra (2005). Quanto a fatores semânticos, a autora conclui que a anteposição é privilegiada com substantivos [+humanos], e a posposição, com substantivos concretos.

Prim (2018), seguindo a intuição de Martínez (2009), considera a influência do tipo de determinante no posicionamento dos adjetivos em um conjunto de textos de gêneros textuais diversos do século XVI ao XIX. Com base nesses dados, a autora observa que, com determinantes indefinidos, há sempre um percentual maior de posposição. Prim também conclui que a partir do séc. XVII não há mais influência da posição sintática do SN sobre o posicionamento do adjetivo. Dentre suas conclusões, destacamos que a informação contida no SN é mais decisiva para o posicionamento dos adjetivos do que o peso fônico, ao menos até o século XVII.

Por fim, Deschamps (2019) busca problematizar algumas questões metodológicas de estudos anteriores sobre o percurso diacrônico do posicionamento de adjetivos. A autora faz um levantamento de fatores que sincronicamente interferem na possibilidade de anteposição dos adjetivos avaliativos, tais como:

- (a) coordenações;
- (b) modificação dos adjetivos por advérbios (como muito, muy ou tão);
- (c) presença de comparativos/superlativos (como maior, mais belo ou outros terminados em -íssimo);
- (d) itens classificados como adjetivos pelo anotador morfológico utilizado em estudos prévios, cujo estatuto como tal é questionável (e.g., tal, tanto, numerais ordinais, etc.).

Como o efeito da presença de modificadores ou de morfologia comparativa/superlativa sobre a posição de adjetivos adnominais ainda não é bem compreendido, assim como o comportamento de coordenações de adjetivos no interior do SN, Deschamps defende que estudos sobre o posicionamento de adjetivos em português devem controlar tais variáveis para garantir a comensurabilidade de seus resultados. Ainda, a autora salienta a importância do gênero textual no posicionamento dos adjetivos, como já ressaltado por Sales (2006) e Serra (2005) — fator que deve ser considerado também do ponto de vista diacrônico.

Apesar da quantidade de pesquisas já realizadas tanto sobre a diacronia quanto sobre a sincronia de adjetivos adnominais em português, a natureza da distinção entre ante- e posposição ainda não é bem compreendida. Como a revisão da literatura apresentada demonstra, isso possivelmente se deve ao fato de esse ser um fenômeno multifacetado, de modo que o controle das variáveis em ação se faz essencial para que possamos examinar o peso de cada uma sobre a anteposição. Assim, é preciso levar em conta o gênero dos textos observados; a variação diatópica; o determinante que acompanha os adjetivos e nomes; a existência de modificação do adjetivo por advérbios e quantificadores; a presença de morfologia comparativa e superlativa; além de aspectos semânticos dos substantivos que os acompanham. Neste artigo, procuraremos pôr essa metodologia em prática, com o objetivo de verificar se o controle de tais variáveis corrobora ou se distancia de resultados de trabalhos anteriores.

3 Metodologia e Resultados

Para este estudo, utilizamos dados presentes no Corpus Histórico do Português Europeu, do Projeto Tycho Brahe. A escolha por este corpus foi motivada por dois fatores: primeiramente, por ele dispor de textos de mais de um gênero textual ao longo de vários séculos; em segundo lugar, pela anotação morfológica (i.e., por classes de palavras, flexão etc.) e sintática estar disponível para diversos textos do catálogo, o que garante maior agilidade à busca, uma vez que as buscas são feitas utilizando ferramentas automáticas disponíveis².

Delimitamos nossa pesquisa a textos de autores nascidos entre os séculos XVII e XIX, por tratar-se de um momento crucial para mudanças diversas em português – e também para os adjetivos, pelo já observado na literatura existente sobre o assunto. Para evitar variação decorrente de localidade, limitamos nossa seleção a autores portugueses.

A fim de avaliar o impacto do gênero textual no uso de adjetivos, optamos por comparar dois gêneros textuais disponíveis no Corpus: cartas e narrativas. A escolha pelas cartas foi motivada por esse gênero textual permitir uso de um registro relativamente menos formal, mais espontâneo e subjetivo, em contraposição às narrativas, em que o autor comumente não se coloca em foco e a linguagem tende a ser mais monitorada.

Assim, nosso corpus consistiu de duas narrativas e duas cartas de autores nascidos no século XVII; duas cartas de autores nascidos no século XVIII; e duas narrativas e uma carta de autores nascidos no século XIX. O pareamento da quantidade de textos por gênero textual e por período não foi possível pela ausência de textos narrativos do século XVIII já anotados morfológicamente e sintaticamente no Corpus, o que será levado em consideração na análise.

Apresentamos abaixo os textos que formam o corpus selecionado para esta pesquisa:

² A ferramenta *Corpus Search* permite a busca *online* nos textos anotados morfológica e sintaticamente que compõem o catálogo do *corpus* Tycho Brahe. A ferramenta, assim como o manual de anotação e de buscas, pode ser acessada em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/texts/csquery/csquery.html>>.

Quadro 2 - Corpus da pesquisa

Código	Autor	Local de Nascimento e Falecimento	Ano de nascimento e morte	Título do texto observado
CARTAS				
m_003	Francisco Manuel de Melo	Lisboa/ Portugal – Lisboa/Portugal	1608 - 1666	Cartas Familiares, F.M. de Melo
b_008	José da Cunha Brochado	Cascais/Portugal – Cascais/Portugal	1651 - 1733	Cartas, J.C. Brochado
c_001	Cavaleiro de Oliveira (Fco Xavier)	Lisboa/Portugal – Londres/Reino Unido	1702 - 1783	Cartas, Cavaleiro de Oliveira
a_004	Marquesa de Alorna	Lisboa/ Portugal – Lisboa/Portugal	1750 - 1839	Cartas, Marquesa de Alorna
o_001	Ramalho Ortigão	Porto/Portugal – Lisboa/Portugal	1836 - 1915	Cartas a Emília, Ramalho Ortigão
NARRATIVAS				
b003	Manuel Bernardes	Lisboa/Portugal - Lisboa / Portugal	1644 - 1710	Nova Floresta
c002	Maria do Céu	Lisboa/ Portugal - Lisboa / Portugal	1658 - 1753	Vida e Morte de Madre Helena da Cruz
a003	Marquês de Fronteira e d'Alorna	Lisboa/Portugal - Lisboa / Portugal	1802 - 1881	Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna
b005	Camilo Castelo Branco	Lisboa/ Portugal - Vila Nova de Famalicão/ Portugal	1825 - 1890	Maria Moisés

Após a escolha dos textos, conduzimos as buscas utilizando a ferramenta Corpus Search. Essa ferramenta permite levar em consideração as etiquetas de cada item, assim como relações de precedência³. A título

³ Optamos pela busca de dados utilizando relações de precedência e não de c-comando, por exemplo, para controlarmos melhor o ambiente de ocorrência dos adjetivos. Os casos em que não havia relações de constituintes foram manualmente eliminados para a análise final.

de exemplificação, o quadro 3 traz as buscas que foram realizadas por adjetivos antepostos com nomes comuns. As mesmas condições de busca foram também realizadas, feitas as modificações adequadas, com nomes próprios e com adjetivos pospostos.

Quadro 3 - Buscas por adjetivos na anteposição para nomes comuns

SN Indefinido - Singular	((D-UM D-UM-F iPrecedes ADJ*) AND (ADJ* iPrecedes N))
	Exemplo: “um íntimo amigo de meu pai”
SN Indefinido - Plural	((D-UM-P D-UM-F-P iPrecedes ADJ*) AND (ADJ* iPrecedes N-P))
	Exemplo: “umas estranhas humanidades”
SN Definido - Singular	((D D-F P+D P+D-F iPrecedes ADJ*) AND (ADJ* iPrecedes N))
	Exemplo: “aquela cruel matança”
SN Definido - Plural	((D-P D-F-P P+D-P P+D-F-P iPrecedes ADJ*) AND (ADJ* iPrecedes N-P))
	Exemplo: “os maus homens”
SN Nu após complementizador	((C iPrecedes [1]ADJ ADJ-*) AND ([1]ADJ ADJ-* iPrecedes N N-P))
	Exemplo: “que semelhantes comércios”
SN Nu após WHs exclamativos/interrogativos	((WD* iPrecedes ADJ*) AND (ADJ* iPrecedes N N-P))
	Exemplo: “Que galante tradução será a do nosso italiano!”
SN Nu após Interjeição	((INTJ iPrecedes ADJ) AND (ADJ iPrecedes N N-P))
	Exemplo: “Oh palpáveis trevas”
SN Nu após Pronome relativo	((WPRO* iPrecedes ADJ*) AND (ADJ* iPrecedes N N-P))
	Exemplo: “a quem soberana mão”
SN Nu após Verbos	((SR* HV* ET* TR* VB* iPrecedes [1]ADJ ADJ-*) AND ([1]ADJ ADJ-* iPrecedes N N-P))
	Exemplo: “se requer grande entendimento”
SN Nu após Preposições	((P iPrecedes [1]ADJ ADJ-*) AND([1]ADJ ADJ-* iPrecedes N N-P))
	Exemplo: “de louvável vida”

SNs com pronome possessivo - Singular	((PRO\$ PRO\$-F iPrecedes ADJ*) AND (ADJ* iPrecedes N))
	Exemplo: “seu antigo lustro”
SNs com pronome possessivo - Plural	((PRO\$-P PRO\$-F-P iPrecedes ADJ*) AND (ADJ* iPrecedes N-P))
	Exemplo: “seus diversos timbres”
Adjetivos antecedidos por numeral	((NUM NUM-F iPrecedes ADJ*) AND (ADJ* iPrecedes N N-P))
	Exemplo: “dois valentes pontapés”
SN com dois adjetivos	((ADJ ADJ-* iPrecedes [1]ADJ ADJ-*) AND ([1]ADJ ADJ-* iPrecedes N N-P))
	Exemplo: “pobre obscuro diabo”
CONDIÇÕES DE EXCLUSÃO	
Adjetivos comparativos e exclamativos	(ADJ-R* iPrecedes N N-P)
Adjetivos superlativos	(ADJ-S* iPrecedes N N-P)
Adjetivos precedidos por advérbio	((ADV* iPrecedes ADJ*) AND (ADJ* iPrecedes N N-P))
Adjetivos precedidos por quantificadores	((Q* iPrecedes ADJ*) AND (ADJ* iPrecedes N N-P))
Adjetivos em coordenações	((ADJ ADJ-* VB-AN iPrecedes [1]CONJ CONJ*) AND ([1]CONJ CONJ* iPrecedes [2]ADJ ADJ-*) AND ([2]ADJ ADJ-* iPrecedes N N-P))

Por interferirem no posicionamento de adjetivos de formas ainda não bem compreendidas, como apontado na seção anterior, foram consideradas condições de exclusão, a fim de permitir um melhor controle das variáveis:

- (1) Adjetivos coordenados, e.g. “a perseguição atroz e despótica”;
- (2) Adjetivos modificados por quantificador ou advérbio, e.g. “um jantar bastante numeroso”;

- (3) Adjetivos com complemento, e.g. “uma ovação digna do Duque”;
- (4) Adjetivos comparativos (*maior, menor, mais bela etc.*);
- (5) Adjetivos superlativos (*terminados em -íssimo*).

Ainda que fosse possível embutir algumas das condições de exclusão nas buscas diretas, optamos por realizá-las separadamente para averiguarmos seu peso em relação ao total de ocorrências de adjetivos adnominais nos textos selecionados.

Por último, todas as buscas foram examinadas manualmente a fim de filtrar:

- (a) Expressões fixas, e.g. “Cabo da Boa Esperança”, “Quartel-general”;
- (b) Erros de segmentação ou categorização, e.g. “não era preciso licença”;
- (c) Erros do anotador, e.g. “estou doente cá por dentro” (cá anotado como Nome);
- (d) Adjetivos numerais (primeiro, segundo etc.);
- (e) Adjetivos comparativos/superlativos categorizados como adjetivos comuns.

O quadro 4 apresenta os totais finais válidos (já eliminadas as ocorrências acima) em relação aos absolutos para cada tipo de SN, somando-se nomes comuns e próprios. Adjetivos com pronomes possessivos, com e sem artigo, foram mantidos numa coluna à parte.

Quadro 4 - Total final das buscas por tipo do SN (dados válidos/número absoluto de ocorrências)

SN	Indefinido		Definido		Com Possessivo		Nu	
	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós
m003	53/65	32/44	279/404	109/146	46/58	5/12	264/472	70/114
b008	42/50	28/41	291/393	119/136	33/38	7/13	161/271	44/100
c001	59/76	63/105	335/398	189/215	43/46	5/6	219/334	84/143
a004	57/66	112/157	190/274	274/308	63/68	30/320	133/193	97/153
o001	55/61	63/89	170/230	158/179	22/26	16/18	130/181	106/139

b003	54/66	36/46	457/525	269/333	73/85	19/23	208/330	177/243
c002	33/37	31/52	291/341	82/101	26/30	1/7	107/194	36/79
a003	177/184	92/111	414/559	249/304	100/118	34/46	275/362	92/131
b005	21/22	24/31	112/140	120/130	15/16	8/8	53/67	54/66

Assim, foi observado o comportamento do adjetivo em 10.920 SNs, mas apenas 7.996 foram consideradas ocorrências válidas para as análises subsequentes.

A fim de facilitar a visualização dos dados, o quadro 5 traz a proporção de anteposição em relação ao total de anteposição+posposição do adjetivo, organizados por tipo de SN para cada texto:

Quadro 5 - Percentagem de anteposição por tipo do SN (anteposição/total de dados válidos)

Texto	Indefinido		Definido		Com Possessivo		Nu	
	Pré/ Total	%	Pré/ Total	%	Pré/ Total	%	Pré/ Total	%
m003	53/85	62,35%	279/388	71,91%	46/51	89,80%	264/334	79,15%
b008	42/70	60,00%	291/410	70,47%	33/40	82,50%	161/205	78,92%
c001	59/121	48,76%	335/524	62,62%	43/48	89,58%	219/303	72,09%
a004	57/169	33,73%	190/464	40,43%	63/93	67,74%	133/230	57,83%
o001	55/118	46,61%	170/328	51,83%	22/38	56,76%	130/236	55,32%
b003	54/90	60,67%	457/726	59,82%	73/92	80,00%	208/385	54,33%
c002	33/64	53,23%	291/373	77,16%	26/27	96,30%	107/143	74,65%
a003	177/269	65,80%	414/663	60,54%	100/134	74,05%	275/367	75,14%
b005	21/45	46,67%	112/232	47,37%	15/23	65,22%	53/107	49,53%

Em resumo, a partir da coleta de dados de adjetivos atributivos em cartas e narrativas dos séculos XVII ao XIX no Corpus Histórico do Português Europeu Tycho Brahe, discutiremos a distribuição pré- ou pós-nominal de 7.996 ocorrências de adjetivos atributivos, com especial atenção aos adjetivos avaliativos, em relação ao tipo de SN (indefinido, definido ou nu) e ao gênero textual (cartas ou narrativas) em que ocorrem.

4 Discussão

Considerando os resultados apresentados pela literatura especializada, nossa hipótese inicial foi de que teria havido uma mudança no comportamento dos determinantes definidos e de sintagmas nominais nus, com conseqüente mudança da posição preferencial de adjetivos avaliativos (da anteposição para a posposição). Sendo a carta um gênero textual mais próximo da oralidade pela sua hipotética maior informalidade, esperávamos que houvesse diferença entre os gêneros textuais observados: nossa expectativa é que a mudança de posição preferencial de adjetivos fosse primeiramente observada nas cartas e, mais tardiamente, nas narrativas.

Apresentamos o gráfico 1 abaixo, que reúne as percentagens de anteposição por século. As linhas contínuas apresentam os valores de anteposição e totais de adjetivos adnominais excluindo-se os SNs com pronomes possessivos, enquanto as linhas tracejadas incluem esses dados.

Gráfico 1 - Percentagem de anteposição por século e gênero textual



Ainda que não disponhamos de narrativas do século XVIII (o valor indicado no gráfico 1 para as narrativas do século XVIII é apenas a média entre os dois pontos), a proximidade entre os valores do século XVII e XIX é forte indício de que o século XVIII dificilmente fugiria ao esperado. Além disso, a diferença entre os gêneros é perceptível. Os dados acima nos mostram que há, de fato, diferença no comportamento dos adjetivos quando olhamos para gêneros textuais distintos. Vemos que, com cartas, a anteposição dos adjetivos já sofre um decréscimo no século XVIII, entrando na faixa dos 50%, índice que não é alcançado em narrativas mesmo olhando até o século XIX.

Quanto aos SNs com pronome possessivo, sua inclusão favorece sutilmente a anteposição, mas não altera os dados de forma significativa. Dada a variação que esses SNs apresentam (com e sem determinante), por ora deixaremos esses dados de lado, mas retomaremos a discussão sobre a presença dos possessivos mais adiante.

A fim de examinar os textos analisados individualmente, os gráficos 2 e 3 ilustram a proporção de anteposição por tipo de SN para cada um deles.

Gráfico 2 - Percentagem de anteposição no gênero Carta

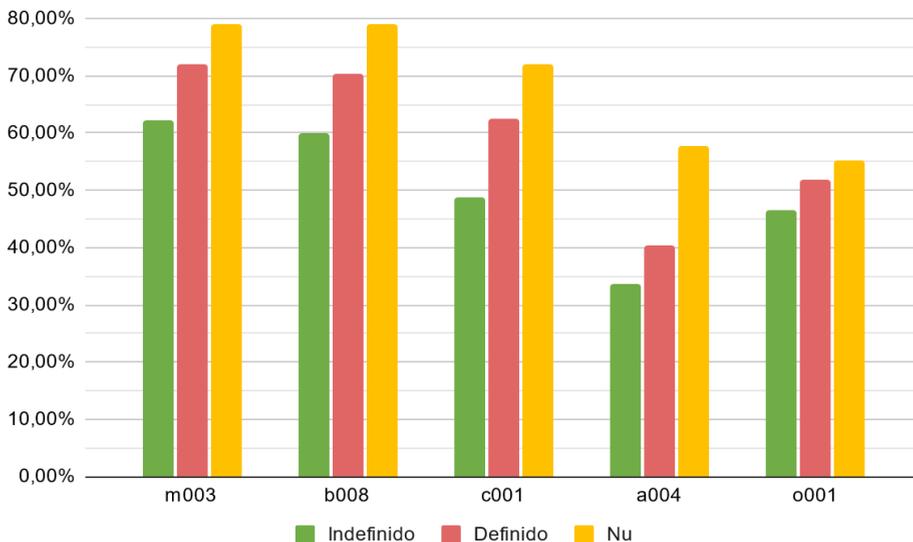
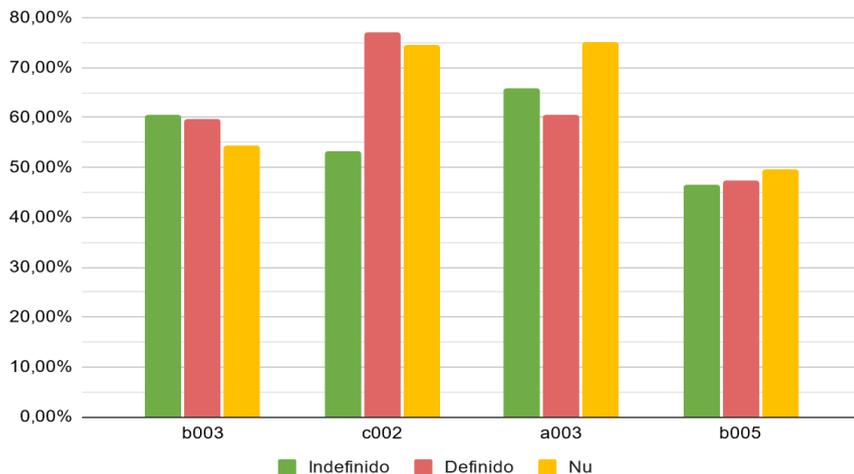


Gráfico 3 - Percentagem de anteposição no gênero Narrativa



Conforme já havíamos visto no gráfico 1, há uma queda no uso de adjetivos antepostos ao longo dos séculos. Essa queda observada é mais estável e consistente nas cartas (apesar do texto o001 representar um ponto de inflexão) que nas narrativas, em que uma redução substancial na proporção da anteposição só é atingida em um dos textos do século XIX (texto b005), como mostra o gráfico 3.

Os dados acima também nos mostram que, quando olhamos para as cartas, com determinantes indefinidos há sistematicamente uma tendência maior à posposição do adjetivo se comparado a contextos com determinantes definidos ou SNs nus. Nas narrativas, não vemos o mesmo padrão de maneira tão consistente; ainda assim, as percentagens de anteposição da última narrativa observada são bastante próximas da última carta, de modo que é possível que haja um fenômeno de maior escopo em jogo.

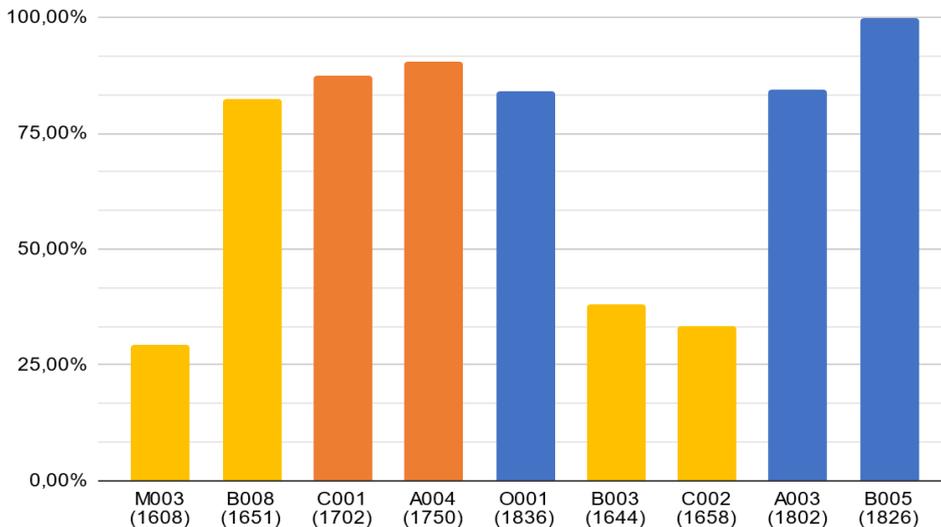
Considerando esses dados, seguiremos duas vertentes de análise que podem nos ajudar a compreender que fatores influenciaram em nossos resultados. Primeiramente, para entendermos o que há por trás da relação entre determinantes e posição dos adjetivos, exploraremos trabalhos que tratam diacronicamente dos determinantes na história do português europeu e brasileiro. Na sequência, faremos uma análise qualitativa da primeira e última cartas observadas (m003 e o001), uma vez que esse foi o gênero que apresentou maior variação.

4.1 Os determinantes na diacronia

Galves (2009) aponta que os usos dos determinantes eram mais restritos no português clássico do que no português moderno - essa transição de periodização tradicionalmente é relacionada ao século XVIII. Uma das diferenças do português clássico para o moderno é que o uso dos determinantes se mostra variável com o quantificador todo no plural (cf. GALVES, 2009) e em sintagmas possessivos, segundo Floripi (2008). Esta autora nos mostra que o percentual de presença de determinantes em SNs possessivos, em textos de autores nascidos no século XVI, variou entre 37 e 62%, a depender do contexto sintático em que tais SNs estavam inseridos; já no século XIX, o percentual chega próximo aos 100%.

Ao considerarmos a proporção de adjetivos em sintagmas possessivos com e sem artigos, vemos que os números que encontramos em nossos corpora (reproduzidos abaixo no Gráfico 4) estão de acordo com aqueles apontados por Floripi. A maioria dos textos do século XVII apresenta em torno de 30% a 40% de sintagmas possessivos com artigo definido - a exceção é b008, que já apresenta artigo em aproximadamente 83% dos sintagmas possessivos. Como b008 se trata de uma carta, podemos hipotetizar que a presença do artigo definido antecedendo um possessivo tenha ocorrido primeiramente nas cartas e mais tardiamente nas narrativas, assim como temos visto para a mudança com os adjetivos. Nos séculos XVIII e XIX, porém, não há exceções: os sintagmas possessivos apresentam artigo em mais de 84% das ocorrências em todos os textos. No gráfico 4, vemos com mais detalhes estes dados em cartas (as cinco primeiras colunas) e em narrativas (as quatro últimas colunas).

Gráfico 4 - Percentagem de sintagmas possessivos com adjetivos (pré- ou pós-nominais) e com artigo definido



Costa (2016) investigou diacronicamente os artigos definidos em português clássico, europeu e brasileiro. Ela observa uma ampliação gradual na ocorrência de artigo com nomes próprios e com nomes inalienáveis entre o português clássico e o português europeu moderno, cuja distribuição sofreria influência do tipo de nome e do gênero textual, assim como uma ampliação do uso dos artigos definidos, que está diretamente relacionada a uma mudança no comportamento dos SNs nus no português europeu.

Por hipótese, essa mudança no comportamento dos artigos definidos com nomes próprios e inalienáveis poderia estar relacionada à mudança no posicionamento preferencial de adjetivos. Dissemos anteriormente que há influência do tipo de determinante no posicionamento dos adjetivos, e essa mudança ocorrida nos determinantes definidos e nus poderia repercutir nesse posicionamento. No entanto, se seguirmos a proposta de Floripi (2008), esta não seria uma mudança de definitude. A autora argumenta que nomes nus com pronomes possessivos já possuem uma projeção de definitude mais alta, para a qual os possessivos se movem a fim de checar seus traços de definitude. O licenciamento ou

não do artigo ocorre em decorrência da relação estabelecida entre o núcleo nominal e o tipo de possessivo empregado, ou seja, é a relação de definitude/referência do núcleo nominal (nomes relacionais, partes do corpo, nomes próprios etc.) que é responsável pelo licenciamento do tipo de possessivo, se [+definido] e [+possessivo] ou se apenas [+possessivo]. Assim, apenas uma busca nos dados poderia nos fazer compreender se se trata de uma influência da definitude ou do tipo de determinante de fato no posicionamento dos adjetivos.

Utilizamos novamente a ferramenta de buscas automáticas para selecionar os contextos com determinante definido e nu junto de adjetivo e nomes relacionais ou nomes que indicam partes do corpo. Contudo, mesmo contando com um total de 7.996 dados analisados, foram encontrados poucos casos para se analisar essa hipótese, como mostra a tabela a seguir.

Quadro 6 - Cruzamento de dados que contêm determinante definido (Def) ou nu (sem det) e/ou pronome possessivo (poss) com adjetivos (Pré e Pós) e nomes relacionais (Nrel) e de partes do corpo (Ncorpo)

texto	Definido				Definido com possessivo				Nu sem possessivo	
	Ncorpo		Nrel		Ncorpo		Nrel		Ncorpo ou Nrel	
	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós	Pré	Pós
b003	2	5	6	2	0	3	0	0	10	8
c002	0	2	1	0	0	0	1	0	2	2
a003	0	2	16	5	0	1	35	4	23	16
b005	2	11	1	5	0	0	1	0	2	6
m003	2	2	4	2	0	0	0	0	3	2
b008	1	1	0	0	0	0	0	0	3	1
c001	2	5	6	1	3	1	0	0	6	8
a004	0	4	0	0	0	2	2	1	1	2
o001	1	2	0	2	0	1	1	1	4	5

Os dados, como vemos, são insuficientes para conclusões mais assertivas. No entanto, podemos indicar uma tendência desses nomes, em especial os relacionais, ocorrerem com adjetivos pré-nominais em

contextos de DP definido, sendo que o mesmo comportamento não parece ocorrer com SNs nus.

Fizemos ainda a pesquisa com os nomes próprios. Novamente não foi encontrada uma quantidade significativa de dados, o que nos impede de estabelecer relações mais claras. Sem dúvida, seria necessário ampliar o corpus de pesquisa para que possamos estabelecer uma relação mais confiável entre nomes relacionais, inalienáveis e nomes próprios com o comportamento dos adjetivos. Deixamos essa sugestão para pesquisas futuras. De toda forma, ainda que nossos dados não nos permitam validar propostas anteriores, a concomitância da mudança no comportamento de artigos, mencionada pelos trabalhos acima descritos, e a mudança de adjetivos, abordada na seção 2, indica que parece haver fundamento para a investigação da relação entre determinantes e adjetivos adnominais.

As discrepâncias observadas no comportamento dos adjetivos entre os textos, especialmente a partir do século XVIII, ressaltam a importância de olharmos para determinantes qualitativamente. Costa (2016, p.149), por exemplo, observando o mesmo corpus Tycho Brahe com dados do português europeu, ao tratar do uso do artigo antes de nomes próprios, aponta que “nos dados do século XIX, enquanto o autor Camilo Castelo Branco apaga o artigo definido em 86% dos casos, Ramalho Ortigão só o faz em 29% das ocorrências.” Tendo este e outros resultados já mencionados como motivação, faremos a análise qualitativa de SNs de duas cartas, considerando o tipo de determinante, de nome e de adjetivo utilizado.

4.2 Análise qualitativa de duas cartas

Dado o grande volume de dados contemplados neste estudo, não foi possível realizar a análise qualitativa de todos os textos observados. Uma vez que as cartas apresentaram diferenças mais significativas que as narrativas em termos do decréscimo nas taxas de anteposição, optamos por conduzir uma análise qualitativa por amostragem de duas cartas.

Para seleção da amostra, adotamos uma baliza temporal: examinamos o conjunto de cartas mais antigo (m003, do século XVII) e o mais recente (o001, do século XIX). Limitamos nossa análise aos sintagmas definidos e indefinidos a fim de reduzir as variáveis envolvidas,

já que sintagmas nus representam uma outra ordem de fatores do ponto de vista teórico⁴.

A partir da observação feita em pesquisas anteriores e apresentada no começo deste artigo de que o decréscimo nas taxas de anteposição de adjetivos adnominais teria sido causado pela mudança na posição preferencial de adjetivos avaliativos, classificamos os adjetivos pré- e pós-nominais dos textos m003 e o001, separando-os em sintagmas indefinidos e definidos e considerando a possibilidade de mudança de posição de adjetivo, isto é, se seria possível antepor ou pospor o adjetivo em um mesmo SN sem perda de sentido. Por exemplo:

(1) [...] o grande peso, que sôbre elas tem vindo de adversidades.
(M-003,62.862)

(2) E partindo comigo dessas grandes cousas, que por lá soam, se vem e observam.
(M-003,110.1541)

(3) e o tenho por do mesmo autor.
(M-003,57.774)

(4) que as leis civis são filhas e dependentes do direito canónico;
(M-003,222.3022)

Em (3), o adjetivo anteposto poderia ser posposto sem que isso acarretasse em mudança de significado. O mesmo não se pode dizer dos demais casos. Em (4), o sentido de grande enquanto avaliação (i.e., como sinônimo de admiráveis) não está disponível na posposição; em (5), ainda que mesmo possa ser posposto, assim como em (4), haveria mudança de sentido; e em (6), por último, vemos um adjetivo classificativo, que não admite anteposição. Assim, na prática, apenas os adjetivos avaliativos têm posição variável. Nos dados, apenas o exemplo (3) foi marcado com possibilidade de mudança de posição.

⁴ A estrutura sintática que subjaz um sintagma nominal nu não é clara; por hipótese, é possível que isso tenha influência sobre o posicionamento de adjetivos. É provável que haja diferença, por exemplo, entre sintagmas nominais nus no singular e no plural (e.g., ausência de uma projeção de Número), assim como entre nus referenciais, genéricos e aqueles que denotam *kinds*.

Ainda, contamos as instâncias únicas de cada adjetivo por posição, a fim de verificar se algum em particular era responsável por um grande número de dados e poderia ter enviesado os resultados (como apontado, por exemplo, por Cohen (1989)).

Quadro 7 - Adjetivos de posição variável em comparação a todos os adjetivos em SNs indefinidos e definidos (m003), com indicação de percentual de anteposição dos adjetivos

Condições	Indefinido			Definido		
	Pré	Pós	% Ant	Pré	Pós	% Ant
Posição variável do adjetivo	44	22	66,7%	199	72	73,4%
TOTAL (variável e não variável)	53	31	63,1%	273	116	70,2%
Posição variável sem repetições	29	19	60,4%	72	54	57,1%
TOTAL (variável e não variável) sem repetições	31	28	52,5%	79	80	49,7%

Quadro 8 - Adjetivos de posição variável em comparação a todos os adjetivos em SNs indefinidos e definidos (o001), com indicação de percentual de anteposição dos adjetivos

Condições	Indefinido			Definido		
	Pré	Pós	% Ant	Pré	Pós	% Ant
Posição variável	53	31	63,1%	89	33	73%
TOTAL (variável e não variável)	56	63	47,1%	170	157	52%
Posição variável sem repetições	27	27	50%	54	27	66,7%
TOTAL (variável e não variável) sem repetições	29	54	34,9%	67	108	38,3%

Em primeiro lugar, é interessante observar como certos adjetivos são bastante frequentes na anteposição em SNs definidos: ao removermos adjetivos repetidos (isto é, contando cada item lexical apenas uma vez), essa categoria foi desproporcionalmente afetada em ambos os textos analisados. Os adjetivos grande e mesmo foram responsáveis pela maioria das ocorrências em ambos os textos: grande teve 30 ocorrências em m003 e 37 em o001, enquanto mesmo teve 44 em m003 e 21 em o001.

Ao removermos os adjetivos repetidos da contagem, vemos que a proporção de anteposição em SNs definidos em m003, que a princípio era

de aproximadamente 70,2%, mostra-se menor, 49,7% - mais próxima da proporção dos SNs indefinidos (52,5%). Já no caso do texto o001, 52% em SNs definidos cai para 38,3%, contra 34,9% em SNs indefinidos. Por outro lado, quando consideramos adjetivos de posição variável, m003 e o001 apresentam tendências contrárias: enquanto, em m003, temos uma proporção bastante próxima de anteposição em SNs indefinidos tanto com adjetivos de posição variável (60,4% em SNs indefinidos contra 57,1% em SNs definidos) quanto no geral (52,5% contra 49,7%), em o001 a taxa de anteposição com adjetivos de posição variável é muito maior em SNs definidos que em indefinidos (66,7% e 50%, respectivamente), ainda que a proporção tenha se mostrado próxima quando comparados todos os tipos de adjetivos, como já mencionado (38,3% contra 34,9%, respectivamente).

Comparando esses dois textos, ainda que tenha havido uma queda na anteposição geral tanto em SNs definidos quanto indefinidos, houve, para os definidos, aumento no uso pré-nominal de adjetivos de posição variável, de 57,1% em m003 para 66,7% em o001, e diminuição no percentual de anteposição dos adjetivos avaliativos para os indefinidos (de 60,4% para 50%), o que demonstra que, ao menos no contexto definido, a anteposição continuou a ser a estratégia preferida para adjetivos avaliativos.

Assim, esses dados apontam em duas direções. Por um lado, vemos uma queda da anteposição em SNs indefinidos, que não ocorre igualmente em definidos, o que pode indicar influência do determinante no posicionamento do adjetivo, como já apontado. Por outro, a divergência entre a queda na anteposição geral, mas aumento na anteposição de adjetivos de posição variável em SNs definidos quando comparamos m003 a o001 sugere que tais mudanças de distribuição envolvam outros fatores que não o posicionamento de adjetivos de posição variável.

Também categorizamos os SNs de acordo com os traços [+/- humano] e [+/- concreto] do nome-núcleo, sob a hipótese de que tais traços poderiam ter impacto sobre a posição do adjetivo, como já argumentado para o espanhol (MARTINEZ, 2009) e para o catalão (LIMA, 2004).

Quadro 9 - Percentagem de anteposição de adjetivos de posição variável com nomes [+humano] e [+concreto] por tipo de SN

Texto	Tipo do SN	[+HUMANO]		[+CONCRETO]	
		Total	S/ Repetição	Total	S/ Repetição
M003 (séc. XVII)	Indefinido	7/15 (46,7%)	5/11 (45,5%)	15/27 (55,6%)	9/19 (47,4%)
	Definido	32/39 (82%)	17/24 (70,8%)	52/69 (75,4%)	30/45 (66,7%)
o001 (séc. XIX)	Indefinido	5/11 (45,5%)	4/10 (40%)	29/44 (65,9%)	15/29 (51,7%)
	Definido	14/18 (77,8%)	12/16 (75%)	39/51 (76,5%)	27/38 (71,1%)

No cruzamento dos dados encontrados com adjetivos que aceitam ambas as posições com as outras categorias analisadas, verificou-se que o traço [+humano] dos nomes se mostrou mais relevante para o anteposicionamento dos adjetivos com determinantes definidos: os dados apresentados no quadro 9 indicam um aumento de anteposição dos adjetivos do século XVII para o XIX quando olhamos para nomes com traço [+humano]. No caso dos determinantes indefinidos, contudo, a presença de nomes [+humano] não parece afetar o posicionamento dos adjetivos; de fato, para os indefinidos, o traço [+concreto] se mostrou, por comparação, levemente mais relevante. A conclusão de Martinez (2009), então, parece ser parcialmente válida para o português. Também não verificamos uma tendência acentuada que indique preferência pela anteposição ou pela posposição condicionada pelo traço [+concreto] do nome em SNs encabeçados por determinantes indefinidos, mas com determinantes definidos sim.

Voltando aos quadros 7 e 8, chamamos a atenção para adjetivos em posição pós-nominal. Em m003, das 147 ocorrências totais (adjetivos de posição variável e não variável) nessa posição, 94 (63,9%) eram adjetivos avaliativos ou de posição variável. Por outro lado, em o001, foram apenas 64 (29,1%) de um total de 220. Os demais se tratam de adjetivos exclusivamente pós-nominais, que consistem de:

Adjetivos gentílicos, e.g. “colônia brasileira”;

Adjetivos descritivos, e.g. “luvas brancas”;

Adjetivos classificativos, e.g. “certeza científica”.

Nenhuma dessas categorias mudou de posição preferencial nos textos analisados. Como já reportado na literatura, tais adjetivos são pós-nominais desde pelo menos o século XIV (como apontado, por exemplo, em COHEN, 1989)⁵. Assim, o decréscimo da proporção de adjetivos avaliativos na posposição, ou aumento de uso de adjetivos exclusivamente pós-nominais, não indica uma mudança gramatical, e sim de alguma outra natureza.

Antes de finalizarmos, gostaríamos de levantar a hipótese de que as diferenças observadas se tratem de uma mudança estilística nos adjetivos avaliativos proporcionada pelos gêneros textuais observados. De fato, é necessário primeiramente analisarmos com mais cuidado as características dos textos em observação. O texto m003, chamado “Cartas Familiares”, de autoria de F.M. de Melo, consiste numa coletânea de cartas escritas pelo escritor e político durante o período em que esteve preso. As várias cartas são destinadas a uma série de interlocutores distintos: amigos, parentes, outros nobres, membros do clero, juízes, entre outros. Já o texto o001, “Cartas a Emília”, de autoria do escritor e jornalista Ramalho Ortigão, é composto apenas de cartas do escritor à sua esposa.

Ainda que haja muitos trabalhos que utilizam cartas como meio para conduzir pesquisas de cunho diacrônico, há poucos que se debruçam especificamente sobre suas características discursivas ou sobre o uso de adjetivos. Leite (2008) abordou estratégias discursivas em cartas oficiais e não oficiais, mas não abordou adjetivos em particular; já Serra (2005) estudou o percurso diacrônico de adjetivos a partir de um conjunto variado de gêneros (incluindo um subgênero das cartas), mas com foco na prosódia.

Em relação ao gênero textual, Leite (2008) salienta alguns aspectos relevantes no estudo de cartas, dentre os quais destacamos os seguintes: 1) proximidade entre os interlocutores; 2) uso de formas de tratamento; 3) tipo de carta; e 4) época histórica. Ela observa, ainda, que entre os séculos XVI a XVIII a assimetria discursiva (i.e., a distância entre os interlocutores em termos da hierarquia social) era fortemente

⁵ Ainda que Serra (2005) aponte um decréscimo do uso de adjetivos “descritivos” na anteposição entre os séculos XVII e XX, parece-nos, a partir dos exemplos citados pela autora, que os adjetivos que ela considerou como *descritivos* na anteposição são usados com valor subjetivo e seriam classificados por nós de outra maneira. Por exemplo, ela traz o dado “**eternos** inimigos” (2005, p.73) como sendo de um adjetivo descritivo, mas nós o considerariamos avaliativo.

marcada em cartas, mesmo em relações familiares, com reflexo no uso de marcas de formalidade - assimetria esta que se torna menos díspar com o passar dos séculos.

Serra (2005), por sua vez, analisa o percurso diacrônico da anteposição ao longo dos séculos XIX e XX em anúncios e cartas ao redator/editoriais. Assim como neste artigo, a autora encontrou diferenças marcantes entre os gêneros textuais: enquanto a proporção da anteposição diminuiu de 47% para 30% nos editoriais, ela aumentou nos anúncios, passando de 36% no século XIX para 42% no século XX. Ainda que defenda que houve, sim, uma diminuição geral na anteposição em português, Serra aponta que a disparidade entre os gêneros textuais “reafirma que sua ocorrência [da anteposição] está relacionada a determinados tipos de textos e suas intenções comunicativas” (SERRA, 2005, p. 59). Ela hipotetiza que o aumento da anteposição nos anúncios esteja relacionado ao desenvolvimento de um discurso mais subjetivo, propagandístico, que almeja o convencimento do leitor - característica não presente nos anúncios do começo do século XIX.

Já em relação aos editoriais, podemos recuperar o trabalho Leite (2003), que analisou as estratégias argumentativas desse gênero também entre os séculos XIX e XX. A autora aponta que os editoriais da primeira metade do século XIX faziam mais uso de “argumentação pura” e menos uso de trechos narrativos e descritivos; em contraste, com o passar do tempo o discurso dos editoriais passa a se constituir de um maior imbricamento da argumentação com a narração e descrição. Leite argumenta que isso evidencia que passa a ser importante, para garantir o convencimento do leitor, fundamentar a argumentação na realidade, a partir do relato e descrição de fatos objetivos.

Devido ao escopo deste artigo, não caberá aqui fazer uma análise esmiuçada de nossos corpora. No entanto, podemos elencar alguns possíveis caminhos de análise que consideramos interessantes de serem explorados em trabalhos futuros.

Considerando os fatores relevantes no estudo de cartas apresentado por Leite (2008), uma primeira distinção entre m003 e o001 que se destaca é o destinatário: enquanto as várias cartas incluídas em m003 são destinadas a um conjunto heterogêneo de interlocutores, muitos deles com maior distância social do autor (como magistrados, padres, outros nobres etc.), o001 é inteiramente composto de cartas de Ramalho Ortigão à sua esposa. Nisso temos uma diferença não apenas

de interlocutor, como também de intenção comunicativa: enquanto, em suas cartas, Ramalho Ortigão (o001) em geral relata à esposa fatos de seu cotidiano, algumas das cartas de Francisco Manuel de Melo (m003) são de cunho mais dissertativo.

Se tomamos as características do discurso jornalístico ao longo dos séculos relatada em Leite (2003) como não limitadas ao estilo jornalístico em si, mas também sinalizando tendências em termos das estratégias argumentativas mais presentes na sociedade letrada, podemos especular que a combinação de interlocutor, intenção comunicativa e estratégias de argumentação de cada época faria com que m003, como um conjunto de textos do século XVII, fizesse menos uso de trechos de narração e descrição (isto é, tivesse uma linguagem menos objetiva) que o001. Essa tendência crescente ao uso de narração e descrição, combinada a uma relação familiar próxima entre os interlocutores, poderia, então, explicar o aumento significativo no uso de adjetivos pós-nominais não variáveis (classificativos, étnicos e descritivos em geral) em o001, assim como o aumento de anteposição dos avaliativos em definidos. Esses resultados, afinal, não são excludentes.

Por fim, nesse sentido, caberia um olhar mais acurado sobre as cartas, considerando o destinatário, e não apenas o gênero textual, para termos essa variável também controlada. Nosso corpus novamente nos apresenta essa limitação, e por isso deixaremos este desenvolvimento para pesquisas futuras.

5 Conclusão

Nossa hipótese de que teria havido mudança na posição preferencial de adjetivos avaliativos, causada por uma alteração no comportamento em especial de determinantes definidos, que teria se manifestado primeiramente em cartas por estas serem um gênero textual mais próximo da oralidade, foi parcialmente confirmada.

Dado o que vimos até este ponto, de fato parece haver ocorrido uma queda no uso de adjetivos antepostos ao nome ao longo dos séculos, mas que não se mantém estável quando olhamos para gêneros textuais diferentes: em cartas, há uma queda que se acentua entre os séculos XVII e XVIII, mas em narrativas os dados se mostram mais estáveis entre os séculos XVII e XIX. Esse resultado é inconclusivo na medida em que seria necessário observar dados de narrativas posteriores, a fim

de confirmar se essa foi uma mudança que se manifestou primeiramente nas cartas, mas que depois também ocorreu nas narrativas, ou se os dois gêneros se mantêm em trajetórias distintas até hoje.

Quando olhamos para os determinantes, por sua vez, também obtivemos uma confirmação parcial de nossa hipótese: vimos que, no gênero carta, os indefinidos sempre favorecem a posposição quando comparados aos definidos e nus; mas essa discrepância é menos acentuada nas narrativas.

Ainda, sobre a influência do tipo de nome, dados com nomes relacionais e nomes que indicam partes do corpo ocorreram em número inexpressivo, mas parece haver uma tendência de nomes relacionais com SNs definidos favorecerem a anteposição dos adjetivos. Um olhar mais acurado se mostra necessário para que se verifique essa hipótese.

Nosso olhar qualitativo, focado em duas cartas, uma do século XVII e outra do século XIX, buscou classificar os sintagmas definidos e indefinidos considerando a possibilidade de mudança de posição do adjetivo, as repetições dos adjetivos e os traços semânticos [+/- humano] e [+/- concreto] dos nomes. Os resultados mostraram que, desconsiderando as repetições, os dados não mostram discrepância no comportamento de adjetivos de posição variável quando olhando para sintagmas definidos e indefinidos no século XVII, mas no século XIX sim: com sintagmas definidos, encontramos 66% de anteposição do adjetivo avaliativo, contra 50% nos sintagmas indefinidos. Interessantemente, quando olhamos para todos os tipos de adjetivos, essa discrepância nos dados do século XIX se torna bastante discretas, uma vez que o aumento no uso de adjetivos de posição não variável aproximou os números de ante- e posposição. Nesse sentido, sugerimos como possível percurso de análise a ser investigado que o destinatário da carta, a intenção comunicativa e o estilo de escrita (se mais argumentativo, mais narrativo, mais descritivo etc.) sejam fatores que condicionem a proporção de anteposição em cartas.

Ainda foi observado que a queda na anteposição geral dos adjetivos, tanto em sintagmas definidos e indefinidos, não é acompanhada proporcionalmente pelos adjetivos de posição variável. Assim, observamos aumento no uso de adjetivos avaliativos antepostos ao nome nos contextos de sintagmas definidos, mas diminuição para os indefinidos. Essa divergência aponta que a queda na anteposição dos adjetivos avaliativos, defendida pela literatura especializada, não é generalizada para todos os contextos.

Sobre os traços dos nomes, verificou-se que o traço [+humano] dos nomes se mostrou mais relevante para o anteposicionamento dos adjetivos com determinantes definidos; no caso dos determinantes indefinidos e nomes [+humano], a preferência pela posposição do adjetivo já ocorria desde o século XVII. Por fim, não verificamos uma tendência acentuada que indique preferência pela anteposição ou pela posposição condicionada pelo traço [+concreto] do nome em SNs encabeçados por determinantes indefinidos.

Por fim, apesar dos vários resultados inconclusivos encontrados em nossa análise, nosso estudo nos permite afirmar com razoável grau de confiabilidade que apenas a comparação entre a proporção de anteposição e posposição de adjetivos em textos ao longo dos séculos não é suficiente para a investigação do percurso diacrônico de adjetivos atributivos. Além de termos observado diferenças sistemáticas no posicionamento de adjetivos de acordo com a (in)definitude do SN e do gênero textual, nossa pesquisa também aponta para a necessidade de se levar em conta o tipo de adjetivo, uma vez que a queda observada na anteposição não parece ser resultado somente de uma mudança na posição preferencial de adjetivos avaliativos (como já hipotetizado na literatura), como também de um aumento no uso de adjetivos descritivos, que pode estar relacionado à estilística de cada século ou do gênero textual observado.

Declaração de autoria

As duas autoras realizaram colaborativamente a coleta e a análise dos dados, a revisão bibliográfica e a redação do artigo.

Referências

BOFF, A. *A Posição dos Adjetivos no Interior no Sintagma Nominal: perspectivas sincrônica e diacrônica*. 1991. 110 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1991.

BORGES NETO, J. *Adjetivos: predicados extensionais e predicados intensionais*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1991.

COHEN, M. A. A. M. O posicionamento do adjetivo no sintagma nominal português: um estudo diacrônico. *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*, Belo Horizonte, v. 9/10, n. 12, p. 58-62, 1988.

COHEN, M. A. A. M. *Syntactic Changes in Portuguese*. 1990. 257 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1990.

COSTA, T. M. *Determinantes definidos: um estudo sobre a estrutura dos DPs na história do Português*. 2016. 294 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2016.

DE CONTO, L. *Tese é complicado: a leitura de situação em sentenças copulares com concordância não marcada*. 2018. 110 p. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, 2018.

DESCHAMPS, T. *A sintaxe dos adjetivos atributivos*. 2015. 214 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, 2015.

DESCHAMPS, T. Adjetivos na diacronia: fatores gramaticais e discursivos. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*, v. 17, n. 32, p. 113-136, 2019.

FLORUPI, S. *O determinante em sintagmas nominais possessivos na história do português*. 2008. 254 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

GALVES, C. A Sintaxe da Grammatica. In: ABAURRE, M. B.; PFEIFFER, C.; AVELAR, J. (orgs). *Fernão de Oliveira: Um Gramático na História*. Campinas: Pontes Editores, 2009. p. 183-204.

GALVES, C.; FARIA, P. *Corpus Histórico do Português Europeu Tycho Brahe*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus>>. Acesso em: 25 nov. 2020.

LIMA, B. F. Z. de. A mudança da ordem dos constituintes adjetivo e substantivo na língua catalã: uma análise diacrônica. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 12, n. 01, p. 159-174, 2004.

MARTÍNEZ, A. La frase adjetiva. El orden del sustantivo y del adjetivo. *In: SINTAXIS histórica de la lengua española*. Segunda parte: La frase nominal. Volumen 2. Coyoacán: FCE, UNAM, 2009. p. 1225-1320.

MENUZZI, S. *Sobre a Modificação Adjetival do Português: uma teoria da projeção dos adjetivos*. 1992. 194 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1992.

MÜLLER, A. L.; NEGRÃO, E. V.; NUNES-PEMBERTON, G. Adjetivos no Português do Brasil: Predicados, Argumentos ou Quantificadores?. *In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (orgs.). Gramática do Português Falado*. Vol. VIII. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. p. 317-344.

PRIM, C. *A Sintaxe dos adjetivos em português brasileiro*. 2015. 158 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2015.

PRIM, C. O Percurso Diacrônico dos Adjetivos Adnominais do Português Europeu: Séculos XVI ao XIX. *Fórum Linguístico*, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 2828-2842, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2018v15n1p2828>

ROBERTS, I.; KATO, M. A. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo. São Paulo: Contexto, 2018.

SALES, S. *A Ordem dos Adjetivos no Discurso Midiático: séculos XIX e XX*. 2006. 202 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

SERRA, C. R. *A Ordem dos Adjetivos no Percurso Histórico: Variação e Prosódia*. 2005. 153 p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

SUDRÉ, T. G. *Efeitos gramaticais da classe semântica do modificador: o licenciamento e a interpretação dos adjetivos de grau relativos*. 2020. 99 p. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas - Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.